

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ANGELA MANOELLY DA COSTA OLIVEIRA

**O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS
CONTEMPORÂNEAS**

**REDENÇÃO - CEARÁ
2016**

ANGELA MANOELLY DA COSTA OLIVEIRA

**O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS
CONTEMPORÂNEAS**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades em, orientada pelo professor Prof. Dr. Sérgio de Moura.

REDENÇÃO – CEARÁ

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

O44u Oliveira, Angela Manoelly da Costa.

O uso das mídias digitais nas relações interpessoais contemporâneas. / Angela Manoelly da Costa Oliveira. – Redenção, 2016.

47 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio de Moura.

Inclui referências.

1. Mídia digital. 2. Comunicações digitais. 3. Tecnologia da informação. I. Título.

CDD 302.23

Dedico a Deus, a toda minha família e aos
meus amigos!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por abençoar minha vida e sempre ter iluminado minha vida acadêmica.

É com alegria que agradeço a toda a minha família, meus pais: Antonio de Lima Oliveira, minha mãe Rosangela da Silva Costa e a minha mãe de criação Maria Alves de Oliveira, além de meus avós paternos e maternos, que foram as pessoas que sempre me incentivaram e me ajudaram em toda minha trajetória estudantil e acadêmica. Agradeço também aos meus irmãos Anderson Nemuell e Anne Nadielly, ao meu namorado Tony Junior, e aos demais familiares que sempre torceram por mim.

Neste momento de gratidão também agradeço ao meu orientador e professor Dr. Sérgio de Moura, por me auxiliar e me orientar na elaboração deste trabalho.

E aos meus amigos e irmãos de coração: Micael Pontes, Maynara Silva, Polyana Thamires, e aos demais que me apoiaram. A todos sou grata!

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos apresentar o tema relações interpessoais nas novas mídias, sobretudo em redes sociais como Facebook ou de aplicativos “Messengers” como o Whatsapp. Ao longo do texto mostramos a história das mídias, dos primórdios da civilização, marcadas pelo surgimento de mídias como a escrita, à contemporaneidade, cujos avanços tecnológicos alavancaram o advento das tecnologias de informação e comunicação como o rádio, a televisão, o telefone, o computador e enfim a Internet. Atualmente são múltiplas as formas de interação, pois com a Internet surgiram também as redes sociais que nos permitiram conhecer novas pessoas e manter contato com outras. A partir deste ponto irei discutir o nível de proximidade ou distância nas relações interpessoais mantidas nas mídias digitais, baseando-se em pesquisas, estudos bibliográficos e uma pesquisa de campo realizada com alunos e professores da Unilab.

Palavras-chaves: mídias digitais, redes sociais, relações interpessoais, contemporaneidade, virtualização.

ABSTRACT

In this monograph we aimed to present the theme interpersonal relationships in new medias, especially on social networks like Facebook or applications "Messengers" as Whatsapp. Throughout the text we present the history of the media, from the dawn of civilization, marked by the emergence of a media like writing, to the contemporary age, whose technological advances have leveraged the advent of information and communication technologies such as radio, television, telephone, computer and finally the Internet. Currently, there are multiple forms of interaction, because with the Internet also emerged the social networks that allowed us to meet new people and keep in touch with others. From this point I will discuss the level of closeness or distance in interpersonal relationships maintained in digital media, based on research such as bibliographic studies and field research with students and teachers of Unilab.

Keywords: digital medias, social networks, interpersonal relationships, contemporaneity, virtualization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1: EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	11
1.1 A evolução das TICs.....	11
1.2 O impacto das Redes Sociais.....	14
CAPÍTULO 2: O QUE É VIRTUAL?.....	19
2.1 O Virtual e suas características.....	19
2.2 A vida real e suas ligações com a virtualidade.....	22
2.3 Virtual e amor líquido.....	23
CAPÍTULO 3: AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA INTERNET.....	29
3.1 Você usa redes sociais? Quanto tempo passa conectado nas redes?.....	30
3.2 Você acha que as pessoas atualmente preferem estar conectadas em suas redes sociais, ou estar fazendo outras atividades? (Encontros em praças, shoppings, conversas com familiares ou amigos.....)	31
3.3 Você acha que as redes sociais separam ou aproximam as pessoas? Por quê?.....	34
3.4 Você acha os contatos mantidos nas redes sociais frágeis ou duradouros?.....	36
3.5 Para você, os avanços tecnológicos nas mídias digitais melhoraram ou pioraram a vida das pessoas? Por quê?.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentaremos a evolução das mídias no contexto das relações interpessoais, sobretudo aquelas mantidas em redes sociais como o Facebook ou aplicativos como o WhatsApp. Procuramos também saber o grau de uso das mídias digitais e se essa conexão impede as pessoas de dedicarem tempo a outras atividades, abordando autores como Pierre Levy (virtualidade e cibercultura) e Zygmunt Bauman (amor líquido).

Nos dias atuais, vivemos a era das redes sociais/digitais, em que a maioria das pessoas tem acesso e mantem laços familiares ou de amizades, com diversas pessoas em diversos níveis. Em muitos casos, baseadas em nossas observações cotidianas, o tempo em que as pessoas passam conectadas é muito grande, pois mesmo quando estão envolvidas em outras atividades ou estão em outros lugares, se mantêm conectadas nas “redes”. Basta sair para ambientes de socialização que é possível encontrarmos pessoas teclando em seus smartphones, tablets ou notebooks.

Exatamente por causa desse grande acesso das pessoas à Internet a todo tempo que surge a indagação se as redes sociais estão aproximando ou separando pessoas. Com a evolução das mídias, será que às vezes acabam relaxando e mantendo contato com outras apenas pelo espaço virtual e se esquecem de valorizar os encontros pessoais? Ou isso é apenas mito? Será que quando um grupo de amigos se encontra em algum ambiente de socialização, acabam deixando de interagir como deveriam, pois ficam muito ligados ao mundo virtual?

Referindo-se a este aspecto, no primeiro capítulo abordaremos a evolução das tecnologias de comunicação e informação, que ajudou a quebrar a barreira do tempo e do espaço entre os indivíduos. Uma notícia ou uma mensagem a ser dada a uma pessoa há séculos demorava questão de meses ou até ano para chegar ao seu destinatário. Hoje com tanto meio de comunicação, desde a carta, o jornal, o rádio, a televisão, o telefone, o computador e finalmente a Internet, comunicar-se tornou-se mais fácil. É com a virtualização, conforme Levy (2003), que se quebra a barreira de espaço/tempo nas mensagens interpessoais, permitindo a

um indivíduo de um lado do planeta se comunicar em tempo real com quem está do outro lado, tanto por mensagens de texto, ligações telefônicas ou chamadas de vídeo.

Além desses meios de comunicação, com o advento da Internet veio o surgimento das redes sociais, que atualmente é uma das maiores formas de entretenimento e interação entre os usuários. Nas redes sociais, novos amigos são feitos todos os dias, encontro de novos “amores”, comunicação com quem está longe, comunidades de pessoas que se interagem e defendem um determinado tema, divulgação de notícias, mobilização por causas importantes, grupos de estudos a distância, tudo isso e muito mais por meio de mídias eletrônicas.

No entanto, essa facilidade na comunicação e interação também deixa as pessoas muito vulneráveis e com o risco de serem enganadas por outros indivíduos em diversos contextos, além do fato das pessoas perderem sua privacidade ao exporem quase tudo que acontece em suas vidas na “rede”.

No segundo capítulo, expomos o pensamento do filósofo canadense Pierre Levy, em suas obras “O que é Virtual?” e “Cibercultura”, que abordam justamente o tema da virtualidade na nossa contemporaneidade. Na primeira obra, Levy (2003) nos fala dos objetos que se virtualizaram, ou seja, que evoluíram e se transformaram em algo mais fácil de se utilizar, como o surgimento da escrita, de um automóvel, de um aparelho eletrônico, da moeda - na questão econômica, dentre tantos outros mecanismos que virtualizaram a vida, significando um gasto de tempo menor e a supressão do espaço (desterritorialização) para a execução de tarefas que demandaria muito esforço em um mundo menos digitalizado.

Neste contexto, o autor também se refere à virtualização do corpo humano, que para autores como Santaella (2010), significa a utilização das tecnologias como extensão do corpo e dos sentidos. Isso quer dizer que a televisão é uma extensão da visão, o rádio da audição, o telefone uma extensão da voz; um meio de transporte como o carro serve como a extensão dos movimentos limitados pelo corpo físico do homem, uma ferramenta como o martelo ou qualquer outra, como extensão da mão, dentre tantas outras associações. Levy (2009) também aborda o tema da “Cibercultura”, que se refere às diversas culturas e pensamentos

distintos que interagem no e pelo ciberespaço, o espaço abstrato e ubíquo criado pelas conexões virtuais proporcionadas pelas novas mídias.

Outro autor mencionado também neste capítulo é o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que, em sua obra “Amor Líquido”, aborda a fragilidade dos laços humanos, principalmente nas redes sociais. Para ele, os relacionamentos feitos na “rede” são frágeis e não são duradouros, pois as pessoas se preocupam mais com a quantidade e não com a qualidade, pouco importando o valor dos laços mantidos, pois o grau de popularidade de um indivíduo é baseado no “quanto mais tiver, melhor”. Para Bauman (2004), perdeu-se a confiança e a credibilidade nas pessoas, amar ao próximo se tornou algo raro, assim como outros valores, as pessoas se tornaram cada vez mais egoístas e desumanas. Estes e outros pontos são abordados por Bauman (2004).

No terceiro capítulo, apresentamos um questionário respondido por alunos e professores da Unilab, sobre o tema em questão “o uso das mídias digitais nas relações interpessoais”, quando pudemos colher a opinião de cada entrevistado sobre se as redes sociais melhoraram e fortaleceram as relações humanas ou se tais mídias servem apenas para a espetacularização da vida de seus usuários. Portanto a partir das pesquisas bibliográficas e análises das entrevistas sobre o tema em foco, pudemos analisar e refletir sobre a utilização das redes sociais e de seu papel nas relações interpessoais. Concluímos que as mídias digitais facilitaram o acesso à comunicação e à informação, mas que deve haver um equilíbrio no uso das mídias para as relações interpessoais, evitando-se a espetacularização de si mesmo, em que as relações mantidas nas redes sociais servem muitas das vezes apenas para atrair os aplausos dos “amigos virtuais” para o ego de seus usuários.

Capítulo 01: Evolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e seus efeitos na sociedade contemporânea

1.1 A evolução das TICs

Da antiguidade aos dias atuais, o homem evoluiu em seu espaço, através das inovações e invenções tecnológicas para sua vida e de todas as pessoas. A partir do momento em que começou a viver em sociedades organizadas, o homem sentiu a necessidade de ampliar seus horizontes de comunicação. A Pré-história foi o período em que se comunicava através da técnica de gravar o cotidiano em ossos, madeiras, pedras, assim também como a modelagem em argila. Esse período de transição da Pré-história para a História se dá por volta de 4.000 A.C e é nesta época também que vai surgindo o aparecimento da escrita na Mesopotâmia e no Egito (SOUSA, 2016, p.1).

A escrita marca o período do início da História, assim como a invenção da técnica de imprimir ilustrações e símbolos e a própria escrita abriu a possibilidade de tornar a informação mais acessível às pessoas, mudando assim o modo de vida e de pensamentos das mesmas. Desta forma em 59 A. C., em Roma foi criado o primeiro jornal formalmente reconhecido na história por Júlio César, cuja intenção era informar as pessoas sobre os mais importantes acontecimentos sociais e políticos da sociedade.

A comunicação se inova ao longo do tempo, criando-se primeiro a escrita como forma de registrar permanentemente o que a memória não podia em longo prazo, surgindo então tecnologias de suportes como o papel, a carta, o jornal, as revistas, dentre outros, até surgir o rádio em 1896, e em seguida a televisão em meados da década de 1920, que não substituem a escrita, mas se configuram como aportes e meios que levavam informações para as pessoas por meio da transmissão de áudio e/ou imagem e em uma maior velocidade que as outras mídias anteriores. Adiante, em 1946, surge o primeiro computador do mundo, o ENIAC (Electrical Numerical Integrator and Calculator) criado pelos cientistas norte-americanos John Presper Eckert e John W. Mauchly. Uma máquina que ocupava uma área de 270 m² e pesava 30 toneladas, o ENIAC começou a ser desenvolvido durante a segunda

guerra mundial, mas só foi lançado após o fim dela (MUSARDO, 2016, p.1). Duas décadas e meia depois, em 1971, surge então o primeiro microcomputador, criado por Ted Hoff, no Vale de Santa Clara, na Califórnia, Estados Unidos. No entanto, o microcomputador, enquanto mídia de uso pessoal, só veio deflagrar comercialmente entre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, quando começaram a ser vendidos aos consumidores pela empresa Apple. Desta forma, surge a democratização do acesso desta mídia à população em geral, quando a ideia de se ter um computador em casa, escritórios, empresas, instituições, passou a ser possível.

Chega-se aí no ponto da criação de um dos meios de comunicação que revolucionou nosso tempo, a Internet. A mesma foi desenvolvida ao lado da evolução do computador, no final dos anos 1960, no período da Guerra Fria, para fins militares. Com o fim da Guerra, ela ficou disponível para o público e, em 1971, passou a ser usada por estudantes e professores nas universidades americanas. (DUMAS, 2016, p.1). A Internet começou a se popularizar a partir dos anos 1990 e até a atualidade é um dos meios de comunicação que revolucionou as coordenadas do espaço/tempo, trazendo à tona o surgimento das chamadas Era da Informação e Era do Conhecimento. Seu advento mais do que triplicou as possibilidades de interação e comunicação interpessoais e a partilha de informações.

A criação da Internet facilitou muito a vida das pessoas, trazendo para elas coisas que só poderiam ter se locomovessero de onde estavam, como por exemplo, fazer uma compra, acessar sua conta bancária, fazer uma transferência, pesquisas sobre qualquer assunto, tudo isso dentre muitas outras possibilidades. E além da criação dos computadores, microcomputadores, o telefone também em muito facilitou a vida das pessoas, apesar dele ter sido criado bem antes em 1860 pelo o italiano Antonio Meucci, (MONTEIRO, 2016, p1), ele também foi evoluindo até se tornar uma mídia capaz não apenas de fazer ligações como também integrar outras funções ligadas à interação e comunicação, a exemplo dos telefones celulares, smartphones, dispositivos androides, dentre outros.

O primeiro telefone celular surgiu em 1956, era chamado Ericsson MTA – Mobbile Telephony A, o qual pesava mais de 40 quilos. Ele foi se transformando e em 1973 a Motorola lançou um celular mais leve, pesando 1 quilo e medindo 25cm de comprimento. No entanto, somente em 1983 é que os primeiros celulares

começaram a serem vendidos nos Estados Unidos, com um preço altíssimo. No Brasil o primeiro celular a ser vendido foi o Motorola PT-550, sendo um aparelho mais leve, pesando 348 gramas e com 22,8 cm, sendo conhecido pelas pessoas como “Tijolão”. (SANCHES, 2016, p.1).

Assim como fazer uma ligação a longa distância, o celular também podia mandar mensagens de texto SMS para outros celulares. E como sabemos, esse dispositivo evoluiu cada vez mais, surgindo várias outras funções, como calculadora, relógio, calendário e até poder se tornar um smartphone, ou seja, um celular com capacidade de acessar uma das grandes mídias da contemporaneidade, a Internet. Tornou assim cada vez maior o acesso das pessoas à Internet, através de dispositivos digitais não maiores que a palma da mão.

Nos anos de 1990, quando o celular chegou ao Brasil, quem poderia adquiri-lo era quem tivesse uma boa condição financeira. Já nos dias atuais, o celular é acessível praticamente a todas as pessoas, pois até crianças e adolescentes o possuem. E o seu consumo é grande, se dá todos os dias, assim como o homem está procurando evoluir cada vez mais nas suas invenções tecnológicas, buscando coisas mais práticas, inovando no celular, criando aparelhos cada vez mais leves, com processadores mais rápidos e com inúmeras funções. Quando um novo aparelho é lançado, as pessoas logo querem adquirir e a cada ano querem trocar seu aparelho com mais inovações e funcionalidades.

Com tudo isso, hoje a vida cotidiana está bem mais prática em relação à comunicação, podendo ter acesso a informações, se comunicar com outras pessoas a longa distância, se entreter com jogos, ouvir músicas, fazer novas amizades, entre muitas outras coisas, com a ajuda da Internet e dos aparelhos criados para seu uso.

Além de todos esses meios de comunicação criados pelo o homem, a própria Internet criou formas de interagir com as pessoas de todo mundo. Ou seja, a criação das Redes Sociais. A primeira rede social surgiu no século XX, mas somente ganhou impulso no século XXI, objetivando a integração entre as pessoas e a facilidade de comunicação.

1.2 O impacto das Redes Sociais

O conceito de Redes Sociais já é bem antigo, ele já existia antes mesmo da Internet existir. Desde os primórdios da civilização, o homem já interagiu com outras pessoas, para trocas e intercâmbios entre as mesmas. Sendo assim, se via o interesse do homem em compartilhar os mesmos gostos, ideias e conhecer novas pessoas. (SANTOS, 2016, p.1). Chegando então ao ponto em que se criou a Internet, surgiu com ela ferramentas que deram novas dimensões a essa interação, o que possibilitou o advento das redes sociais digitais e de gêneros eletrônicos como o e-mail, as comunidades online, os mensageiros instantâneos (messengers) e os aplicativos de comunicação em tempo real como o WhatsApp e o Snapchat.

Primeiramente, surgiu o e-mail, também conhecido como correio eletrônico, criado pelo engenheiro americano Ray Tomlinson em 1971, mesmo período em que estava surgindo a Internet. Tomlinson na época estava trabalhando na empresa BBN em Boston, na qual ele ajudou a aprimorar os projetos de como seria a Internet. O e-mail possibilitou uma comunicação a distância como mandar mensagens para quem estava longe, mas ele só veio ser mais acessível a partir dos anos de 1990. Muitos serviços de e-mails eram pagos, no entanto o indiano Sabeer Bhatia inventou o primeiro e-mail gratuito, o Hotmail. Dessa forma, qualquer pessoa poderia ter um e-mail e acessá-lo a partir de qualquer computador. (KARASINSKI, 2016, p.1).

Com o tempo, os serviços de e-mails foram se aprimorando. No início, a capacidade das mensagens era bem menor e mais simples. E os usuários sentiam necessidade de uma capacidade maior na memória das mensagens e nas formas de transferência de arquivos, pois o e-mail permitia não somente envios de mensagens, como também o anexo de arquivos que poderiam ser enviados para familiares, amigos e até para trabalhos de faculdade.

Atualmente o e-mail é uma praticidade entre as pessoas, tal como o servidor do Gmail, por exemplo, que permite às pessoas se comunicarem por meio de mensagens instantâneas, criar uma agenda para a rotina, armazenar arquivos por meio de um drive (armazenador online), dentre outras funções.

Após o surgimento do e-mail, outros gêneros interativos também começaram a surgir, entre eles, o ClassMates, criado em meados de 1995, com o propósito de reunir amigos. Em 1997 surgiu o AOL Instant Messenger, um gênero voltado para o bate-papo online. No mesmo ano, também surgiu o Sixdegrees, uma rede social na qual poderia se criar um perfil pessoal e poder visualizar perfis de outros usuários. No ano de 2002, foi inventado o Friendster, também com perfis para seus usuários e com o intuito de compartilhar interesses comuns entre os mesmos. Em 2003, surgiu o MySpace, uma rede social parecida com o Friendster, mas com um espaço bem mais interativo, para músicas, blogs, fotos e no qual poderia ser personalizado o perfil de cada usuário, se tornando na época muito popular mundo afora. (SANTOS, 2016, p.1).

Além dessas redes sociais, outras também foram surgindo e uma delas que foi bem famosa entre os internautas, principalmente no Brasil, foi o Orkut. Ele foi criado pelo engenheiro turco e funcionário do Google Orkut Büyükkökten, em janeiro de 2004, que, com o passar dos anos, foi se aprimorando e tornando-se uma das primeiras redes sociais de impacto do início do século XXI. O Orkut foi foco inicialmente dos internautas norte-americanos, mas logo fez sucesso entre os internautas brasileiros e indianos. Os usuários poderiam ter um perfil com suas informações básicas e personalizarem o mesmo, fazer novas amizades com outros usuários, participarem de comunidades de interesses comuns e entre outras coisas. Em 2008, a sede do Orkut foi transferida da Califórnia nos Estados Unidos para o Brasil, isso devido aos 40 milhões de usuários na época no país. (DÂMASO, 2016, p.1).

Nos anos seguintes, ele foi ganhando novas atualizações, porém foi perdendo espaço com o surgimento de novas redes sociais, como o Facebook, que em 2012 superou o Orkut em quantidade de usuários, assim como outras também começaram a superá-lo, quando foi ficando cada vez mais deixado de lado pelos internautas. Quando o Orkut já completava seus 10 anos de criação, foi desativado em 30 de setembro de 2014 por seus administradores.

No mesmo ano de criação do Orkut, em 4 de fevereiro de 2004, surgiu o Facebook, inicialmente chamado de thefacebook, uma rede social criada pelos estudantes universitários Mark Zuckerber, Eduardo Saverin (brasileiro), Dustin Moskovitz, e Cris Hughes (SBARAI, 2016, p.1). Na época Mark Zuckerber pensava

em criar algo para manter contato com seus colegas de faculdade, obtendo um perfil com informações básicas e um mural de publicações. Mas o Facebook ganhou popularidade e impulso entre os universitários e, no mesmo ano de sua criação, já obtinha a marca de 1 milhão de usuários.

No ano de 2005, já era possível à postagem e o compartilhamento de fotos entre os estudantes e também sua liberação a outros universitários internautas de outros países. Em 2006, o Facebook foi liberado para qualquer um que tivesse interesse de criar uma conta, fosse ele estudante ou não. Dessa forma a rede social já completava a marca de 12 milhões de inscritos e ao passar dos anos ele foi se aprimorando, criando um chat para quem estava conectado, a ação de compartilhamento de vídeos, linha do tempo nos perfis e no ano de 2009 Zuckerber inventou o “curtir” nas postagens dos usuários. Neste mesmo ano o Facebook chegava aos seus 360 milhões de cadastrados. (SBARAI, 2016, p.1).

Com muitas inovações, o Facebook alcançou grande valor no mercado, assim também como grande número de usuários, que atualmente está por volta de 1,23 bilhão em todo o mundo. Esses dados nos mostram que o Facebook é a rede social mais usada entre as pessoas e a que superou todas as outras até o momento.

Outra rede social criada no ano seguinte foi o YouTube, um site que permite que seus usuários assistam, compartilhem e publiquem vídeos em canais personalizados. Foi criado nos Estados Unidos em fevereiro de 2005 por Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim. Seu significado vem da junção das palavras inglesas “You”, que em português significa “você” e “Tube”, que significa “televisão”, ou seja, “televisão feita para você”. Muitos internautas se promovem no YouTube com postagens de vídeos e se tornam YouTubers, nome dado as pessoas que criam canais de vídeos e que em parte, conseguem dinheiro e fama com a visualização e compartilhamento de seus vídeos na rede. Sendo assim, o YouTube é uma rede social que não gera lucro apenas para seus donos, como também para os usuários que mais se destacam na Internet. No Brasil ele é um dos mais acessados pelos internautas, e muitos YouTubers brasileiros estão lucrando e ganhando fama com a utilização do site.

Se referindo a outra rede social criada logo após, destaca-se o Twitter, fundada por Evan Williams, Jack Dorsey e Biz Stone em março de 2006. A proposta do Twitter é uma espécie de micro blog, na qual as pessoas postam pequenos

status diariamente, tendo um limite de 140 caracteres para cada postagem. O significado do nome Twitter em inglês vem de “pios de pássaros” que dão o sentido de mensagens curtas ao micro blog. Atualmente o Twitter se mantém atrás de outras redes sociais e enfrenta algumas dificuldades financeiras (SMALL, 2016, p.1).

No ano de 2010, surge o Instagram, uma rede social voltada para postagens de fotos e vídeos, fundada pelo brasileiro Mike Krieger e pelo norte-americano Kevin Systrom. Inicialmente o Instagram se chamava “Burbn”, mas era muito complicada sua utilização, e, por isso, seus fundadores resolveram simplificar a rede social e mudaram também seu nome para Instagram. Seu acesso foi destinado primeiramente para os Iphones, porém algum tempo após seu lançamento se tornou disponível também para o sistema Android, obtendo assim um número maior de usuários. Em abril de 2012, o Facebook comprou o Instagram no valor de U\$ 1bilhão de dólares, sendo que neste mesmo ano a rede social já possuía mais de 30 milhões de usuários, e atualmente o Instagram chega a mais de 400 milhões de usuários em todo o mundo.

Outra rede social bem famosa entre os internautas é o WhatsApp, um aplicativo que permite a troca de mensagens, fotos, vídeos, músicas, ligações, dentre outras funções por meio de smartphones e dispositivos androides. Fundado em 2009 pelo ucraniano Jan Koum e pelo norte-americano Brian Acton, ambos funcionários da Yahoo, a rede social primeiramente foi disponibilizada para o Iphone, mas com seu tamanho sucesso logo foi disponibilizada também para sistemas androides. Com sua grande repercussão, o WhatsApp logo foi comprado pelo Facebook no valor de U\$ 16 bilhões de dólares e atualmente é uma rede social conta com mais de 900 milhões de usuários (OLIVEIRA, 2016, p.1).

Uma das redes sociais mais recentes que esta se tornando cada vez mais popular entre os internautas é o Snapchat. Criado pelo norte-americano Evan Spiegel em setembro de 2011, o Snapchat permite aos usuários a postagem de fotos e vídeos que permanecem publicados 24 horas na rede social. No Brasil esta entre os cinco mais baixados nas lojas de aplicativos virtual.(BALDRATI, 2016, p.1).

Com tudo além dessas redes sociais, muitas outras também surgiram, e desde que a Internet foi criada e as redes sociais digitais logo lançadas em seguida, a vida das pessoas mudaram significativamente, no sentido de que suas vidas giram

hoje em torno de mídias bem mais do que em épocas passadas, o que ocasionou o advento do sujeito online, aquele indivíduo que vive em contato com o mundo físico e os mundos paralelos criados pelas mídias digitais, pois hoje vivemos sob o impacto das redes sociais em que todo mundo interage, se entretém, cria e mantém relacionamentos, faz negócios, marketing, só para citar algumas das possibilidades.

Capítulo 02: O que é virtual?

Neste capítulo, abordaremos o conceito de virtualidade, a ruptura do tempo/espaço nas interações homem/máquina e homem/homem, conforme Pierre Levy (2010). E o amor líquido, da obra do sociólogo Zygmunt Bauman (2004), autor que fala das fragilidades dos laços sociais na tecnocracia (cultura tecnológica).

2.1 O virtual e suas características

Este tópico procura mostrar um dos autores mais importantes no que se refere ao Virtual e suas características, o filósofo francês Pierre Levy. Em sua obra “O que é Virtual?” Levy (2003) analisa e sintetiza este tema que abrange a atualidade.

A palavra virtual vem do latim medieval *Virtuale* ou *Virtualis*, cuja verificação de seu radical no latim obtemos seu significado: virtude, força, potência. (Levy, 2003, p.15). Para sintetizar o que é Virtual o autor faz uma análise sobre a virtualização na vida do ser humano, em três pontos; o filosófico, o antropológico e o sócio-político. Segundo Levy (2003), o virtual é algo que existe em potência; “complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução, a atualização”. (Levy, 2003, p.16).

Dessa forma o virtual é aquilo que existe em potência e não em ato, se opõe a aquilo que é atual, pois o virtual não acontece no agora e sim na possibilidade de acontecer de várias formas e quando acontece não é mais virtual e sim atual, pois já está sendo existente. O mesmo possibilita a interação subjetiva entre as pessoas por mediação eletrônica, rompendo com as coordenadas do espaço/tempo, sem um lugar fixo (desterritorialização), aquilo que há alguns anos era chamado de ciberespaço.

Levy (2003) também cita o que seria o *Efeito Moebius*, pois além da desterritorialização da virtualidade, o mesmo acontece à passagem do interior para o exterior e vice-versa. “Esse ‘efeito moebius’ declina-se em vários registros: o das relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor, e etc”. (Levy, 2003, p.24-25). Portanto o *Efeito Moebius* se caracteriza pelas novas possibilidades e troca de ações em espaços que antes eram apenas privados e que passaram também para o público, misturando-se tempos e lugares, por meio da virtualização.

Outro fator caracterizado pelo autor é a virtualização do corpo humano, ou seja, para cada sentido do corpo existe uma associação com algo eletrônico, sendo a televisão para a visão, o telefone para a audição, o carro para o corpo em movimento, entre outros. Além dessas percepções existem também as projeções por onde nossos sentidos são transmitidos a outros lugares por meio de aparelhos eletrônicos, como a voz que pode ser transportada há quilômetros de distância para outro lugar, por meio do telefone ou computador.

Assim também como a nossa imagem que pode ser fotografada ou filmada e compartilhada com outras pessoas. Até mesmo antes de nascermos já podemos ver a imagem de um bebê na barriga da mãe, por meio de uma ultrassonografia e, assim como ela, se pode ver o interior do corpo humano por meio de Raios X, câmeras que visualizam o interior do corpo, transplantes de órgãos que também foram possibilitados e entre essas formas de virtualização, muitas outras também foram possibilitadas ao homem.

A virtualização do corpo incita às viagens e as todas as trocas. Os transplantes criam uma grande circulação de órgãos entre os corpos humanos. De um indivíduo a outro, mas também entre os mortos e os vivos. Entre a humanidade, mas igualmente de uma espécie a outra: enxertam-se nas pessoas corações de babuínos, fígados de porco, fazem-nas ingerir hormônios produzidos por bactérias. Os implantes e as próteses confundem a fronteira entre o que é mineral e o que está vivo: óculos, lentes de contato, dentes falsos, silicone, marcapassos, próteses acústicas, implantes auditivos, filtros externos funcionando como rins sadios. (LEVY, 2003, pg. 30).

Além da virtualização do corpo, também houve a virtualização do texto, que com o surgimento da escrita tornou possível guardar o que fosse necessário e não dependesse apenas da memória como era na antiguidade antes do surgimento da mesma. Assim como a escrita, o objeto em que se escreve se virtualizou, como a

caneta e o papel, a máquina de escrever, até o computador e o celular que digitalizam o texto e, por meio da Internet, o texto é enviado de um lugar para outro, sendo separados no tempo e no espaço do local enviado.

Houve também a virtualização da economia na qual se pode citar a virtualização da moeda, pois antes de seu surgimento o comércio era feito por meio das trocas, ou seja, se comprava algo dando outra mercadoria equivalente ao que se estava comprando, e, com a criação da moeda, essas trocas acabaram e foram substituídas por ela, trazendo também a facilidade no comércio. Assim como a virtualização do homem no mercado, que com o surgimento da máquina tornou possível substituir o trabalho de vários homens, por apenas um, ocasionando assim o homem-máquina. O surgimento das vendas online na internet também facilitou muito a vida do consumidor, que antes dependia sempre de se locomover para comprar algo, gastando mais tempo com a locomoção. E com a virtualização do mercado passando a ser online também o consumidor pode fazer compras sem sair de casa por meio de um computador ou celular.

A linguagem do homem também é algo que se virtualizou e se virtualiza em tempo real, e é a partir dela em que as pessoas acessam o ambiente virtual. Assim como ela, a inteligência também se virtualiza tanto a individual como a coletiva, ocasião em que surgem as questões das divergências dos pensamentos entre as pessoas. Um meio de interação em que essas divergências ocorrem é no ciberespaço, pois é nele que circulam as redes sociais, grupos, comunidades, blogs, ou seja, o espaço virtual.

Deste modo observa-se que tudo em volta do homem foi virtualizado desde seus sentidos, ao texto, à economia, à linguagem, à sua inteligência, entre outras coisas. Levy (2003) aborda todos esses temas em volta da virtualidade e é perceptível o quanto as coisas ao redor do homem evoluem e se virtualizam; para ele a virtualização se mostra na força e na velocidade pelas quais se direciona a cultura atual. Ou seja, a virtualização é algo que ocorre no nosso dia-a-dia, desde algo que usamos como um carro para nos locomover ou que possa acontecer por meio das nossas ações como o uso de um telescópio para vermos o que não podemos ver a olho nu, marcando sua presença na vida do ser humano através das tecnologias.

2.2 A vida real e suas ligações com a virtualidade

Neste tópico, viemos abordar a vida física/real das pessoas e suas relações com a virtualidade, pelo qual se refere às relações humanas desde os primórdios da vida e antes de existir as relações no espaço virtual. Com base em tudo que já foi exposto, o homem sentia necessidade de ampliar seus meios de comunicação, e tudo aquilo que foi criado por ele foi se virtualizando e facilitando ainda mais sua interação com as pessoas.

Desta forma na nossa atualidade se vê o quanto é possível uma rápida comunicação e interação entre as pessoas de todo o mundo, por meio dos aparatos tecnológicos (televisão, rádio, computador, telefone, Internet e etc) criados pelo homem até chegarmos ao ciberespaço¹ das redes virtuais.

O termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LEVY, 2009, pg.17)

Ou seja, o ciberespaço é o ambiente em que se agrega o espaço virtual e as comunicações feitas por meio dele. E a "cibercultura" termo também usado por Pierre Levy (2009) é a consequência deste ambiente de diversos pensamentos, inteligência coletiva, que se comunicam e interagem pelo ciberespaço.

O crescimento da comunicação baseada na informática foi iniciado por um movimento de jovens metropolitanos cultos que veio à tona no final dos anos 80. Os atores desse movimento exploraram e construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. Se a internet constitui o grande oceano do novo planeta informacional, é preciso não esquecer dos muitos rios que alimentam: redes independentes de empresas, de associações, de

¹ A palavra "ciberespaço" foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. (LEVY, 2009, pg. 92)

universidades, sem esquecer as mídias clássicas (bibliotecas, museus, jornais, televisão, etc). É exatamente o conjunto dessa “rede hidrográfica”, até o menor dos BBS, que constitui o ciberespaço, e não somente a Internet. (LEVY, 2009, pg. 125-126)

Esse espaço virtual atualmente se mistura ao mundo real dos seres humanos, pois é por meio dele que circulam as suas relações. No entanto, as redes virtuais estão tomando conta cada vez mais da comunicação entre as pessoas, concorrendo de igual com as relações físicas presenciais, principalmente entre as pessoas que vivem plugadas/conectadas. Segundo pesquisas elaboradas entre os brasileiros, é constatado que a grande maioria da população usa Internet e as redes sociais regularmente, e que este número só tende a aumentar cada vez mais com o número crescente de usuários de smartphones e sistemas androides, chegando hoje no Brasil à proporção de um telefone celular por pessoa.

Até mesmo quando as pessoas se encontram em bares, lanchonetes, shoppings e entre outros locais de socialização, grande parte das mesmas se mantem conectadas na Internet, com o mundo online se tornando cada vez mais integrado à vida das pessoas, concorrendo de igual com o mundo offline no que se refere às relações sociais.

2.3 Virtual e amor líquido

Sobre essas relações, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004) defende a fragilidade dos laços criados pelas pessoas no espaço virtual, como na relação de contato pessoal e a modernidade líquida. Para ele, aquilo que era sólido se desfez e se liquidificou, ou seja, as relações humanas atualmente são frágeis e temporárias, na qual as pessoas fazem e desfazem amizades ou relacionamentos a qualquer momento.

Em resumidíssimas palavras, modernidade líquida é a época atual em que vivemos. É o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dão base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. É nesta época que toda a

fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida, são retiradas de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. (Apud Vinícius Siqueira, 2016).

Comparando-se a quantidade de seguidores e amigos que uma pessoa tem numa rede social, a maioria dos amigos que se tem na mesma não conhecem verdadeiramente e não tem intimidade com todos. E esses laços podem ser feitos desfeitos a qualquer momento, se liquidificando. O autor não se refere apenas ao espaço virtual, como as próprias relações humanas na nossa modernidade, cheio de incertezas, insegurança na ordem política, pessoas individualistas, que não confiam uns nos outros, no qual todos estão lançados à própria sorte, sem um porto seguro em nada e nem ninguém.

Em sua obra “Amor Líquido”, Bauman (2004) aborda esses temas e afirma que as pessoas atualmente dão bastante valor às relações feitas em “redes”, em detrimento das físicas. E que estas relações não são duradouras, pois podem se desfazer, assim também como as relações amorosas, vínculos familiares e convívio social com estranhos podem serem afetados pelo fato das pessoas estarem acostumadas com essas relações frágeis.

Os seres humanos têm medo de sofrer e pensam que não mantendo uma relação estável e duradoura, irão parar de sofrer ou diminuir a dor, trocando de parceiros, amigos, namorados, noivos, amantes, etc. O sofrimento e a solidão é o principal problema para as pessoas. Os seres humanos estão sendo ensinados a não se apegarem a nada, para não se sentirem sozinhos. A nossa sociedade moderna, não pensa mais na qualidade, mas sim na quantidade, quanto mais relacionamentos eu tiver, melhor, quanto mais dinheiro tiver, melhor. O consumismo é muito grande e as pessoas compram não por desejo ou necessidade, mas por impulso e isso ocorre também nas relações humanas (Apud Assis Ribeiro, 2016).

Neste mundo virtual em que se encontram a maioria das pessoas no momento atual, uma parte delas acabam se esquecendo de viverem e se relacionarem com as pessoas no mundo real, ou seja, ficam mais tempo conectados nas redes virtuais e acabam deixando de lado coisas que poderiam ser feitas fisicamente com outras pessoas. Desta forma, surge uma espécie de vício na qual as pessoas ficam a espera de a todo o momento receber uma nova notificação e atualização de suas redes sociais, e por isso também não perdem o celular de vista, o deixam sempre junto de si para estarem conectados.

Bauman (2004) cita também que nos dias de hoje as pessoas estão cada vez mais desumanas, pensam mais em quantidade do que qualidade, descartam relacionamentos como se fosse qualquer coisa, perdem a confiança de um nos outros. E por essa fragilidade o autor afirma a falta de amor entre as pessoas e a perda do significado desse sentimento tão forte. Por exemplo, dizer “eu te amo!” se tornou simples como dizer um “bom dia!” entre as pessoas, as mesmas não sabem o que sentem de fato e acabam perdendo o sentido da palavra amor em suas relações. Assim também como se refere ao mandamento bíblico “amar o próximo como a si mesmo”, que para o autor é como se fosse um dos preceitos essenciais da vida civilizada, que no entanto, não é tão seguido pelas pessoas, pois as mesmas pensam primeiro em si e em seu interesse próprio.

Assim, indaga Freud, "qual é o objetivo de um preceito enunciado de modo tão solene se seu cumprimento não pode ser recomendado como algo razoável?" Somos tentados a concluir, contra o bom senso, que o "amor ao próximo" é "um mandamento que na verdade se justifica pelo fato de que nada mais contraria tão fortemente a natureza original do homem". Quanto menor a probabilidade de uma norma ser obedecida, maior a obstinação com que tenderá a ser reafirmada. E a obrigação de amar o próximo talvez tenha menos probabilidade de ser obedecida do que qualquer outra. Quando o filósofo talmúdico Rabi Hillel foi desafiado por um possível convertido a explicar o ensinamento de Deus enquanto pudesse se sustentar numa perna só, ele ofereceu o "amar o próximo como a si mesmo" como a única resposta, embora completa, que encerra a totalidade dos mandamentos divinos. Aceitar esse preceito é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções "naturais", assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, e se torna o ser "não-natural" que, diferentemente das feras (e, na realidade, dos anjos, como apontou Aristóteles), os seres humanos são (BAUMAN, 2004, pg. 46)

O autor não aborda apenas o tema da virtualidade em sua obra, mas também outros fatores que levaram ao amor líquido em nossa contemporaneidade. E para ele a modernidade líquida foi consequência da evolução tecnológica dos meios de comunicação, principalmente pelo espaço virtual, por onde as pessoas mais se comunicam e se interagem. E essa forte interação virtual e entre outros fatores ocasionou a fragilidade nas relações humanas, tanto no mundo real como no virtual e que também foi deixando-se de lado coisas que antes eram feitas fisicamente/real por as pessoas pelas relações em “rede”.

Recapitulando o que foi abordado neste capítulo, vimos que Pierre Levy (2003) sintetiza o que é Virtual, os avanços tecnológicos e a virtualização das coisas em volta do homem. As melhorias que se obtiveram com os meios de comunicação, notícias que começaram a serem transmitidas para todos pela televisão, a Internet uma das pontes da virtualização, acesso a ligações telefônicas, melhorias com a economia, a escrita, e entre muitas outras já citadas. Assim também como o conceito de “cibercultura” que surgiu por meio da virtualização das inúmeras formas de pensamentos, compartilhamento e comunicação entre pessoas pelo ciberespaço.

Levy (2003) não condena a virtualização e sim nos mostra o quanto ela facilitou e melhorou a vida humana, sobretudo no que diz respeito às interações interpessoais, diferentemente de Bauman (2004) que em sua obra defende a fragilidade dos laços humanos feitos nas redes virtuais, juntamente com seu negativismo sobre as relações humanas da atualidade, condenando o amor e a durabilidade das ligações entre as pessoas tanto nas redes virtuais como na vida real.

Para mim o filósofo Zygmunt Bauman (2004) se fundamenta nas consequências que as relações virtuais pode causar nas pessoas, porém generaliza na questão de as redes sociais separarem cada vez mais as pessoas e seus laços afetivos serem afetados pelos meios de comunicação em “rede”. Existe sim uma grande maioria de pessoas conectadas na Internet, conhecendo novas pessoas, mantendo relações com outras e também desfazendo amizades. Mas não é porque um relacionamento é mantido por meio de redes virtuais que ele seja frágil, pelo contrário os avanços nos meios de comunicações melhoraram e facilitaram ainda mais a interação entre as pessoas. Ou seja, a fragilidade nas relações depende mais do ser humano que usa as tecnologias e não das tecnologias em si.

Por certo que existem casos de pessoas que acabam deixando a vida offline mais de lado e fica apenas conectado na Internet, sem buscar uma socialização física com outras pessoas e por esse motivo serem frágeis nos seus relacionamentos, mas isso não é algo que possa ser generalizado. Pois a comunicação que existe atualmente deu um grande passo se comparada há séculos atrás, em que o contato a distância era mantido por cartas que demoravam meses e até anos para chegar ao seu destinatário.

E a virtualização rompeu com as barreiras do tempo e espaço quanto a se transmitir uma mensagem. Se hoje mandarmos uma mensagem para o outro lado do mundo por meio da Internet, ela chegará em questão de segundos ao seu destinatário, assim como uma ligação telefônica, ou uma chamada de vídeo. Tudo isso foi permitido graças à virtualização dos meios de comunicação e por esse mesmo motivo aproximou pessoas do mundo todo a um mesmo espaço, ou seja, ao ciberespaço. Nesse sentido, podemos dizer que as tecnologias aproximaram pessoas que estavam distantes por uma questão de espaço (territorialidade) e tempo (comunicação em tempo real).

E os relacionamentos à distância ocorrem mais pelo fato de poderem ter uma comunicação a qualquer momento por meio de um aparelho celular ou computador, coisa que há muito tempo atrás não era tão simples assim. E hoje muitas pessoas namoram, mantem amizades, fazem novas amizades, compras, acessão suas contas bancária e entre outras possibilidades intermediadas pelos processos de virtualização. Ou seja, as fragilidades nas relações interpessoais depende de cada um, do uso que se faz das tecnologias. Se alguém mantém em seu perfil do Facebook 5.000 amigos virtuais, é claro que a relação com a maioria delas será frágil.

Entretanto, é notório que muitas pessoas, para além dos 5.000 amigos, usam a Internet também para se manter próximas daqueles indivíduos com quem mantêm um laço duradouro criado há muito tempo, como, por exemplo, um filho que está no exterior trabalhando ou estudando e usa a Internet para se comunicar com os pais; uma filha que está fazendo intercâmbio em uma universidade estrangeira e usa as redes sociais para que os pais fiquem atualizados sobre a vida dela; os amigos que estão morando em cidades diferentes e usam a Internet para manterem forte os laços de amizade; pessoas que também namoram a distância; assim como pessoas de diferentes lugares que compartilham ideias, movimentos sociais, comunidades virtuais e entre outros, que se comunicam e interagem pela Internet.

Portanto, é verdade que há pessoas exagerando no uso das redes sociais, smartphones, criando laços frágeis com aqueles que estão conectados, procurando ter muitos amigos nas redes, sem ter um relacionamento duradouro com

todos, mas é verdade também que há o lado bom de se manter perto através das tecnologias das pessoas que se gostam.

Capítulo 03: As relações interpessoais na Internet

Neste capítulo, apresentamos a opinião de professores e alunos da Unilab sobre as relações interpessoais nas redes, baseado na visão de Bauman, sobre a fragilidade dos laços afetivos na Internet. Utilizamos um questionário com 5 (cinco) questões abertas e com certo grau de semelhança, para sabermos se os entrevistados confirmam ou não, em seus pontos de vistas, a argumentação do autor.

Para estas perguntas, quatro alunos e quatro professores deram suas opiniões sobre o questionário proposto (vide em anexo), elaborado com cinco questões abertas relativas ao uso das mídias digitais, tempo de conexão e as relações interpessoais. As perguntas foram as seguintes:

1º Você usa redes sociais? Quanto tempo passa conectado nas redes?

2º Você acha que as pessoas atualmente preferem estar conectadas em suas redes sociais, ou estar fazendo outras atividades? (Encontros em praças, shoppings, conversas com familiares ou amigos...)

3º Você acha que as redes sociais separam ou aproximam as pessoas?
Por quê?

4º Você acha os contatos mantidos nas redes sociais frágeis ou duradouros?

5º Para você, os avanços tecnológicos nas mídias digitais melhoraram ou pioraram a vida das pessoas? Por quê?

Cada questão acima será abordada em um tópico específico neste capítulo.

3.1 Você usa redes sociais? Quanto tempo passa conectado nas redes?

Nesta questão, buscamos saber o tempo de conexão gasto no uso de redes sociais. Embora o tempo de conexão possa ser um indicador das motivações porque as pessoas ficam conectadas, a questão do tempo por si só é importante porque mostra um comportamento não observado antes em outras épocas, que é o fato de o sujeito está sempre online, expressando uma nova condição da existência. Ou seja, esta online é importante, independente das razões do indivíduo para tal. Vejamos as respostas dadas.

O aluno AMPS respondeu “Sim, utilizo. Não é com frequência. Mas certos app (aplicativos móveis, sim, como o Whats) utilizo com frequência para fins específicos em caráter pessoal, entretenimento, sociocyber, acadêmico, etc.”.

O aluno GQL respondeu: “Sim. Constantemente, utilizando a cada hora através do celular”.

A aluna MMSS respondeu: “Sim, em média umas 12h por dia”.

A aluna JCMA respondeu: “Sim. Por dia, digamos que em torno de 4 horas”.

O professor BM respondeu: “Pelo menos 15 horas por dia”.

A professora MV respondeu: “Sim, talvez 30 min, por dia”.

A professora RM respondeu: “Sim. Diariamente! Em torno de 06 horas por dia”.

A professora ACCS respondeu: “Sim. Quase todo o dia. Se eu não desligar a wifi fico recebendo mensagens o dia inteiro”.

Dentre o tempo especificado, vimos nas afirmações um tempo estimado entre 4 a 15 horas por dia. Isso quer dizer que, no mínimo, os entrevistados gastam um sexto de suas horas diárias para estarem conectados ou até mesmo mais da metade do dia, quando um dos respondentes afirmou gastar 15 horas em conexão. Entretanto, hoje em dia observamos que não basta estar consciente de quantas

horas são gastas conectados, já que mesmo quando não estão de olho em seus smartphones ou notebooks, as pessoas costumam estar com o wi-fi ativado, significando que a qualquer momento elas podem ser notificadas de que receberam uma mensagem ou várias, como demonstra a resposta do aluno GQL, quando fala que utiliza constantemente seu dispositivo. Ora, isso significa que, estando o wifi ligado ou os dados móveis do celular ativados, essa conexão pode ser constante e não programada. Assim, as respostas mostram um sujeito que frequentemente tem que dedicar sua atenção a dois mundos paralelos, o físico e o virtual. Vivemos assim num mundo altamente tecnologizado, com sujeitos tecnologizados, o que faz lembrar a discussão de Donna Haraway (2000) sobre os ciborgues, quando afirma que essa conexão constante com as máquinas nos tornam simbolicamente os ciborgues dos filmes de ficção científica. Isso é mais do que evidente, inclusive, quando Santaella (2010) diz que as tecnologias são extensões de nosso corpo ou sentidos, ou seja, próteses de nosso corpo, o que nos tornam os homens-máquinas do futuro.

3.2 Você acha que as pessoas atualmente preferem estar conectadas em suas redes sociais, ou estar fazendo outras atividades? (Encontros em praças, shoppings, conversas com familiares ou amigos...)

Nesta questão, buscamos saber o valor que os entrevistados conferem as outras atividades, que não estejam atreladas ao fato de estarem online ou em conexão. Dado o grau de tempo de conexão usado para este fim, como vimos no tópico anterior, acreditamos que essa necessidade em se viver conectado, certamente, influencia na atenção que conferimos às atividades do mundo físico. Vejamos as respostas para esta questão:

O aluno AMPS respondeu: “Uma parte da sociedade (principalmente os que são seduzidos e vivem ‘presos’ ao consumismo corriqueiro, isto é, a juventude (não estou generalizando) preferem ficar conectados nas ditas famosas redes sociais de grande porte para se sentirem mais ‘atualizadas’ no mundo, por motivos forem (sic). Ressalto que alguns encontros contemporâneo (sic), principalmente nos

centros urbanos e urbanizados, sejam em praça, shopping, parque, as pessoas continuam 'concentradas' (onlines), no desejo ilusório de estarem 'atualizadas'".

Vemos na resposta do aluno acima, uma consciência do grau ou do nível de ligação que as pessoas têm com o virtual, ou a quantidade de tempo gasta com atividades online. O que chama a atenção na resposta é quando AMPS afirma que as pessoas continuam conectadas, "no desejo ilusório de estarem 'atualizadas'". Ou seja, percebe-se que há uma necessidade, nem sempre justificada, de se estar atualizado, com informações nem sempre relevantes. Ou seja, o estar conectado ou conectada tornou-se uma espécie de demanda do sujeito contemporâneo, configurando o que se chama de "sujeito online", aquele indivíduo para o qual estar ligado a aparelhos eletrônicos ou a instâncias da virtualidade transformou-se em algo tão corriqueiro ou comum, tornando o ato em algo inconsciente.

O aluno GQL respondeu: "Sim. A facilidade de estar conectado faz com o que as pessoas deixem de praticar outras formas de lazer".

Já o aluno acima aponta um dos fatores que influenciam as ações do sujeito online, a saber, a facilidade de conexão que propicia este duplo trânsito entre o mundo físico e o virtual. Essa facilidade, parece, não vem ou não surgiu com regras que regimentem o acesso às redes. Não há regras ou etiquetas de conduta que sinalizem a alguém quando deve estar ou não conectado, dependendo cada um de seu bom senso quanto à questão. De qualquer forma, fica a pergunta para futuras pesquisas: o acesso às redes digitais deveria ser pautado por regras sociais de uso?

A aluna MMSS respondeu: "Devemos ressaltar que existe sim pessoas que vivem por inteiro uma vida virtual e esquecem de viver o real e acabam que se fechando em seu quarto e se privando de sair. É necessário se manter um equilíbrio em meio a isso, não permitindo que um meio de comunicação defina quem você é de fato".

Podemos ver que na resposta da aluna MMSS a questão do bom senso do qual falamos no comentário anterior, pois ela diz que, *ipsis literis* "é necessário se manter um equilíbrio em meio a isso".

A aluna JCMA respondeu: “Acredito que até pela comodidade, preferem estar conectadas. Considerando que a distancia é encurtada, e nas redes sociais você pode levar as pessoas que quiser para onde quiser, estão sempre “a mão”. Outro fato é que na rede social todo mundo é bom, não fica triste, nem zangado e principalmente não demonstra isso pra ninguém, os encontros são rodeados de sentimentos e isso as vezes apavora alguns”.

Na resposta da aluna JCMA, há uma aceção clara de como as redes encurtam distâncias, mostrando uma noção do que Levy (2003) afirma sobre o que é virtual, ou seja, essa ruptura o espaço/tempo que faz com que as pessoas sejam levadas “para onde quiser”, como disse a aluna e o que parece causar esta “comodidade”, citada por ela. Além disso, ela fala do mundo ilusório das relações interpessoais na Internet, em que ninguém “não fica triste, nem zangado” representando bem a fogueira de vaidades e o espetáculo de egos presentes nas redes sociais e indicando a fragilidade das relações abordada por Bauman (2004).

O professor BM respondeu: “Preferem ficar conectadas em redes sociais. Por causa dos condicionamentos da estrutura do mercado de trabalho, não conseguem realizar, muitas vezes, suas vontades de estar em atividades de lazer ou encontros entre amigos”.

A resposta do professor BM mostra um outro condicionamento para o uso das redes sociais. Para ele, o fato de as pessoas nem sempre poderem estar presentes em eventos do mundo físico como lazer ou encontros por causa do trabalho, faz com que elas compensem essa ausência através do uso das mídias digitais disponíveis no ambiente de trabalho. Isso mostra uma outra visão, a de que as redes sociais são usadas para compensar carências do mundo físico. Em geral, carências de ordem afetiva ligadas às relações interpessoais, pois o fato de eu não poder encontrar meus amigos presencialmente, faz com que eu me conecte a eles virtualmente. Essa conexão, conforme o que interpretamos da visão do professor, tem muito mais a ver com a positividade de Levy (2003), quando aponta que as tecnologias quebram barreiras de territórios (desterritorialização) entre as pessoas do que com a questão da fragilidade dos laços afetivos na rede defendida por Bauman (2004).

A professora MV respondeu: “Conectados na rede”.

A professora RM respondeu: “As pessoas continuam conectadas em redes sociais mesmo quando estão nos shoppings, pracinhas e restaurantes. Uma coisa não exclui, necessariamente, a outra”.

Já a professora RM em sua resposta, não faz diferença entre conexão virtual e conexão física. Parece que em sua resposta há o indicativo de que todos nós somos seres sociais e por isso vivemos conectados, não importa qual o tipo de conexão.

A professora ACCS respondeu: “A primeira opção é bem tentadora, pois não demanda muito esforço...”.

Por sua vez, a professora ACCS dá a entender que a facilidade causada pela desterritorialização (Levy, 2003) leva as pessoas a se acomodarem e preferirem a conexão online, por causa da lei do menor esforço, ou seja, o não deslocamento.

3.3 Você acha que as redes sociais separam ou aproximam as pessoas? Por quê?

Neste tópico, abordaremos a questão afetiva da proximidade, no sentido dos laços sociais e relações interpessoais abordados por Bauman (2004). Isto é, o fato de um indivíduo ter 2.000 amigos no Facebook significa que de fato ele mantém uma relação próxima com todos? Isso indica a fragilidade dos laços sociais na rede, a qual veremos nas respostas a seguir dos entrevistados.

O aluno AMPS respondeu: “Em relação à questão acima, é possível articular a resposta desta próxima questão: até neste ponto, sentimos que essas grandes redes presente na vida social dos sujeitos não nos ‘separam’ ou ‘aproximam’. Depende dos fatores sociais, que atualmente são pautados numa economia consumista-capitalista; numa forma emblemática: ao mesmo tempo que aproxima os sujeitos, criando novos valores, gostos, modos de expressão, noções de corpo, linguagens, códigos de uma língua cibernética, éticas (e não éticas) e modos de ver o mundo em seu tempo e espaço, de forma complexa, separa as

peças de reavivarei relações afetivas mais vivaz; roboriza a afetividade e mecaniza a mente; dessa maneira, enaltecendo relações mais efêmeras e líquidas”.

A resposta do aluno AMPS aponta o grande proveito que as redes sociais, que costumam lucrar em cima de seus usuários, fazem das relações interpessoais na Internet. Pois fica claro que, se o indivíduo X, com seus 2.000 amigos, é um formador de opinião, é provável que ele tenha uma influência considerável na rede, *ipsis literis* “criando novos valores, gostos, modos de expressão, noções de corpo, linguagens”. Ou seja, essa conexão múltipla ocorrida na rede e aprovada pela mesma não acontece à toa, pois alimenta o grande mercado das redes sociais impulsionado por seus usuários.

O aluno GQL respondeu: “Ela aproxima, na medida que permite a comunicação com quem está distante, e concomitantemente, afasta das pessoas que estão ao nosso redor”.

A aluna MMSS respondeu: “Meio termo, as duas direções quando se fala desse tipo de assunto vão andar sempre bem próximas”.

A aluna JCMA respondeu: “As duas coisas. Aproximam aqueles que estão distante e distanciam os que estão perto, há uma inversão. Facilita aos que estão longe encurtar a distancia e matar a saudade, no entanto, aos que estão perto, devido o tempo desperdiçado nas redes, acabam por ignorar a presença do outro dando mais importância ao virtual”.

Nas respostas dos alunos acima, vemos o contraditório das redes, aproximar e distanciar pessoas ao mesmo tempo. A questão é saber qual afetividade fica de fato comprometida, na medida em que não sabemos o grau de afetividade ocorrida nas interações virtuais de cada usuário.

O professor BM respondeu: “Caso vire um vício, as redes sociais podem afastar o usuário de outras pessoas. Nesse caso, estamos perante casos patológicos. De forma geral, quando bem usadas, elas aproximam as pessoas no trabalho ou a manter relações com entes de que se nutrem o afeto que vivem longe”.

A resposta do professor BM aponta que os excessos são prejudiciais, não havendo problemas de proximidade nas redes ou fora delas, quando bem utilizadas.

A professora MV respondeu: “Aproximam, porque tenho familiares em vários estados e falo com eles pela rede, bem como pude encontrar amigos que não via há anos”.

A professora RM respondeu: “Separam e aproximam. Em algumas situações as redes sociais aproximam, diminuem distâncias e realizam conexões importantes. Em outras, distanciam e isolam, o uso que se faz das redes sociais é muito relativo, é notório que muitas pessoas trocam o contato real pelo virtual, isso parece ser uma prática do nosso mundo, mas generalizar é sempre um risco”.

A professora RM aponta para o risco das generalizações, e parece apontar para o caminho do professor BM ao indicar que tudo deve ser usado com moderação.

A professora ACCS respondeu: “Depende sob qual ponto de vista se observa essa relação. pode afastar corporalmente, sim. todavia, as pessoas podem estar conectadas mentalmente”.

Segunda a resposta da professora ACCS, não conexão física não significa necessariamente falta de conexão, uma vez que as pessoas podem estar próximas mentalmente, ainda que a distância ou virtualmente.

3.4 Você acha os contatos mantidos nas redes sociais frágeis ou duradouros?

Neste tópico, abordaremos a linha de raciocínio de Bauman (2004), quando defende a natureza frágil dos laços interpessoais mantidos na Internet, sobretudo nas redes sociais. Reiteramos o seu pensamento, quando o autor aponta a necessidade que os usuários das redes possuem de “coleccionarem” tantos amigos quanto possível, não importando o grau de afetividade e proximidade mantidas. O que importa de fato é termos um público numeroso disposto a dar a quantidade de curtidas possíveis quando um usuário posta alguma coisa, seja um comentário, seja uma foto, seja qualquer outra coisa, o importante para o ego do usuário é que ele receba o maior número de curtidas, ou notificações possíveis. As redes sociais servem assim à espetacularização do ego, quando quase sempre o usuário aparece

feliz e em circunstâncias invejáveis: o usuário está sempre postando fotos da última viagem a Paris, festas, baladas, conquistas, isto é, na rede ninguém é infeliz, e o grau de popularidade de alguém é medida pela quantidade de comentários e “likes” que ela recebe. Fica claro que as redes sociais se aproveitam dessa espetacularização para fins comerciais e lucrativos, pois quanto mais audiência ela obtém através dos usuários, mais fácil se torna construir um mercado de consumo para seus anunciantes. Vejamos as respostas a essa questão.

O aluno AMPS respondeu: “Depende de diversos fatores, sejam estes: sociais, políticos, econômicos, de representação, cultural e histórico. Vivemos numa sociedade contemporânea acelerada, que preza resolver suas problemáticas “da noite pro dia”, e não aproveita viver o seu próprio momento. Nessa velocidade, as relações afetivas tornam-se mais frágeis e ritualizadas: nos modos de comer, sentar, vestir, pensar e agir; cria-se novos hábitos (mais violentos e mais opressores); e ao mesmo tempo perde-se hábitos de sentir o corpo como alma do espírito não separado da mente, como algumas sociedades antigas viviam (etnias africanas e os gregos, em especial os helênicos). Dessa maneira os indivíduos perdem seus laços mais fortes, não por causa das novas tecnologias; mas são nas formas como os indivíduos ‘ver’ e praticam estas tecnologias; pois nós as utilizamos para estigmatizar e oprimir as sociedades e suas relações mais complexas”.

No relato do aluno AMPS, está clara a ideia de que é a forma de como utilizamos as tecnologias e não as tecnologias em si que causam a fragilidade dos laços. Quando ele diz que as usamos para estigmatizar e oprimir, tudo isso ocorre por conta da espetacularização do “eu” tão evidente nas redes sociais. Nelas, este “eu” está sempre feliz, cheio de realizações pessoais que nem sempre corresponde à realidade. Essa ilusão de felicidade causa uma espécie de inveja alheia, ou seja, “infelizmente – invejar o próximo quando imagina que sua própria condição não esteja à altura da de seus semelhantes”. (Brenner, 2016, p.1). A autora recém citada indica bem o quanto essa espetacularização que causa inveja na realidade é um exercício de atuação:

A internet é um veículo baratinho para se brincar de ator. Atua-se na vida que se gostaria de ter, nos relacionamentos idealizados, nas amizades eternas e plenamente sinérgicas. Atua-se no dinheiro sobrando, nas festas e viagens absurdamente divertidas, nas crises

de riso intermináveis, nos corpos prontos para ser espontaneamente clicados. Assim, como quem nem viu a foto sendo feita. (Idem, 2016).

Nesse caso, fica claro que as redes sociais não tem tanto a ver com proximidade entre pessoas. Embora possa haver uma certa proximidade em certas circunstâncias, elas têm mais a ver com o espetáculo da vida alheia que todos estão prontos para aplaudir.

O aluno GQL respondeu: “Eles podem durar, na medida que a relação sai do campo virtual, ou acabar sem nem darmos conta. Mas eu acredito que relacionamentos online, qualquer que sejam (sic), podem sim ser duradouros”.

Na resposta do aluno GQL, há a outra realidade das redes sociais, quando de fato estamos conectados a nossos amigos, em relacionamentos duradouros. Mas o aluno diz “qualquer que sejam”, o que é duvidoso, porque entendemos por relacionamento duradouro aquele em que há laços afetivos muito fortes. Ter alguém como amigo a qual mal conhecemos, ainda que conste por muito tempo como nosso amigo de rede social não faz disso um relacionamento duradouro. É mais provável que mantenhamos algumas pessoas como nosso amigo virtual apenas pela necessidade egocêntrica de mostrar ao mundo nossa “aparente felicidade” Pois conforme afirma Lafloufa (2016, p.1):

É uma situação bem delicada. Quando abrimos o Facebook – ou qualquer rede social, no geral – damos de cara com um mundo de felicidade. As pessoas viram as melhores editoras da própria vida, sempre destacando um lado positivo ou criando ilusões sobre uma vida que parece perfeita.

A próxima afirmação da autora citada acima também dá o que pensar: “O problema é se: pararmos de sermos esses perfeitos editores de uma vida feliz nas redes sociais, será que alguém terá paciência de nos acompanhar, ou a vida real é muito chata para ter direito a broadcast?”. Ou seja, fica evidente que nem sempre o problema é de fato se as relações são duradouras, mais a que objetivo essas relações interpessoais servem.

A aluna MMSS respondeu: “Os mecanismos de hoje dão as pessoas possibilidades para se manter um relacionamento a distância, diminuindo de certo modo a distância. O alicerce que se pode encontrar nos relacionamentos assim

parte na minha opinião dos próprios envolvidos, que podem buscar por meio do “amor” o caminhar de suas relações”.

Já a aluna JCMA respondeu: “Frágeis. Basta perceber o quanto de amigos que temos no facebook, mais de mil, e se perguntar com quantos se fala (sic) frequentemente eu responderia que com pouquíssimos. É um tudo ou nada, de repente tu é amiga e por uma frase, palavra mal interpretada à amizade acaba, se exclui e ponto. Não há o sentimento envolvido, se relaciona intencionado, a uma pergunta, uma resposta, uma necessidade. Já relação ao vivo nos permite nos relacionar pelo simples fato de estar perto, de sentir o outro, de saber que é outro humano que sofre, que ri, que chora, etc”.

No relato da aluna JCMA, há uma palavra que chamou a atenção, “necessidade”, ou seja, os relacionamentos acontecem por necessidade, carência. É essa necessidade que conforme Nuete (2016, p.1), serve aos interesses corporativistas das grandes redes:

Esse é o preço que pagamos por fazermos parte dessa nova geração que tem a necessidade de compartilhar tudo e baseia seu valor em likes. Ao aceitarmos um serviço de email gratuito, ao criarmos uma conta no Facebook, ao postarmos nossa intimidade no Snapchat, estamos dando em troca o direito dessas corporações venderem o nosso espaço pessoal para outras empresas.

Vejamos os relatos dos demais entrevistados. A professora RM respondeu: “Frágeis em sua maioria, mas não devemos generalizar. Mantenho amizades pelo facebook que já duram anos”. Concordamos com o comentário de RM sobre o perigo das generalizações, embora acreditamos que os contatos que a professora mantém e já duram anos, são aqueles contatos que ela já mantinha anterior a rede.

Já a professora ACCS respondeu: “Torno a dizer que depende. Há contatos feitos na vida real que não se sustentam também”. Nesta resposta, vemos uma equivalência entre vida real e vida virtual no que se refere às relações interpessoais, mas não podemos esquecer que a base dos relacionamentos nas redes sociais se sustenta em torno da espetacularização do ego.

3.5 Para você, os avanços tecnológicos nas mídias digitais melhoraram ou pioraram a vida das pessoas? Por quê?

Neste último tópico, abordaremos as melhorias que as tecnologias digitais trouxeram aos indivíduos ou os malefícios devido ao seu mau uso. É descobriremos até que ponto sermos ciborgues, conforme Haraway (2000), beneficia ou prejudica nossa humanidade.

O aluno GQL afirma: “No geral sinto que piorou. A digitalização das relações atrapalha as relações físicas que temos”.

Já a aluna MMSS respondeu: “Caberia dizer que a internet (redes sociais) trazem benefícios e malefícios na vida das pessoas que a utilizam. Pois o avanço dos meios de comunicação facilitou bastante a comunicação intermundial, dando as pessoas uma possibilidade de manter um vínculo com alguém que se encontre distante (fisicamente), facilitando a vida em diversos aspectos tanto sócias (sic) quanto pessoas (sic). Mas a outra vertente coloca a internet (redes sociais) em um ambiente mais prejudicial, trazendo danos a vida das pessoas que utilizam, expondo por demais suas vidas e deixando-a propicias a injúrias e difamações”.

Temos duas visões conflitantes nas respostas de GQL e de MMSS. O primeiro acredita que piorou, já a segunda dá uma resposta mais relativa, quando ela aponta os aspectos positivos e negativos. Apesar das redes sociais servirem à espetacularização, com

forme comentamos no tópico anterior, há o lado positivo proporcionado pela facilidade no uso das comunicações interpessoais, como vemos na resposta de MMSS. Vemos essa mesma dualidade na resposta da aluna JCMA em sua resposta abaixo, que aponta brevemente o aspecto positivo das tecnologias de comunicação e informação, mas ressalta que o exagero nesse uso é que pode ser não benéfico:

A aluna JCMA respondeu: “Melhorou. O que piorou foi o uso do homem dos meios de comunicação em um total descontrole, trocando seres humanos por máquinas. A utilidade que está sendo dada tem prejudicado. Na verdade, intencionam facilitar nossa vida para estudar, para conversar com quem está longe e

matar um pouco a saudade, para resolver coisas nos bancos sem ter que passar por fila, etc, no entanto, temos utilizado de forma exagerada, passando horas nas redes sociais, para hackear amigos, produzir vírus e enviar para as pessoas etc. Fora isso, tem o fato de que nas redes sociais, tudo é lindo, ou é aquilo que você queria ser ou o que você quer que as pessoas pensem que você é, “não é a vida como ela é”, lá você está sempre sorrindo, em locais bonitos, em fotos com pessoas que mesmo desagradáveis estão dando volume a tua foto, coisas do tipo, há a facilidade de poder excluir amigos, de ter muitos amigos em número mas em qualidade pouquíssimos. A rede social, em especial facebook, whats é uma farsa, uma máscara que me faz esconder quem realmente sou”.

Por sua vez, o professor BM foca os aspectos positivos, ao responder que: “Melhoraram a vida das pessoas sim. Ampliaram os conhecimentos; possibilitam a comunicação e informação que são direitos de seres humanos”. BM destaca em sua resposta a comunicação e a informação como uma fonte de direito que não pode ser negada.

A resposta da professora MV é uma das que focam a questão do exagero e do mau uso das tecnologias: “De uma maneira geral, melhoraram. Mas para aqueles que não sabem usar, pode piorar, por exemplo, deixar de fazer as atividades profissionais, acadêmicas e familiares para ficar nas redes ou para fazer o mal as pessoas”.

A professora ACCS prefere responder a esta pergunta, conforme a divisão do mundo entre pessoas românticas e pessoas pragmáticas, pois responde que: “Para os românticos, a comunicação tete a tete é fundamental e as redes sociais dificultam essa aproximação. Já para as pessoas mais pragmáticas esses avanços melhorou a qualidade nas relações”.

De uma forma geral as respostas a este tópico esta de acordo, a maioria delas, com a visão de que as tecnologias podem ser boas ou ruins, dependendo do uso. São os seres humanos que determinam com suas idiosincrasias se os artefatos tecnológicos são bons ou ruins, não as tecnologias em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é intrínseca ao homem, pois como assinala Chomsky (2010), nos já nascemos com uma tecnologia de fala, que é o aparelho fonador, e uma faculdade da linguagem, que nos é inata. Além disso, desde os primórdios da humanidade, sempre tivemos a necessidade de se comunicar e interagir não somente com as pessoas de seu meio, mas com outros grupos sociais, outras comunidades e civilizações, visando às trocas, aos intercâmbios, à vivência na linguagem. Para isso, surgiu a escrita, uma das primeiras tecnologias de comunicação e informação. E nos dias atuais, é perceptível o quanto evoluímos nas formas de comunicação e informação quando essa interação nos parece muito mais possível, muito mais próxima, desterritorializada, como argumenta Levy (2003) e em tempo real.

A dificuldade para quem precisava se comunicar em tempo real com pessoas que estavam distantes não existe mais hoje. Mas, descontadas as facilidades advindas da tecnologia, objetivamos neste trabalho suscitar questões sobre o uso das mídias digitais na nossa contemporaneidade, junto aos possíveis excessos e as fragilidades dos laços interpessoais, visto que as mídias digitais, em particular, as redes sociais servem a uma espetacularização que serve mais a um exibicionismo digital do que a manutenção ou estreitamento dos laços afetivos e, por este lado, Bauman (2004) está correto quanto a dizer que as relações interpessoais, principalmente quando baseadas em números de amigos virtuais e de curtidas realmente são frágeis. É certo que as novas tecnologias implantaram novos hábitos em seus usuários e transformou uma geração de adolescentes que hoje vive ligado nas “redes”, chamada hoje de nativos da Era Digital ou de Geração Y.

É óbvio que as formas de encontros presenciais não perdeu seu espaço, mas o avanço das pessoas que se mantêm conectadas 24 horas por dia na Internet é grande, o que faz desta geração ciborgues por excelência, na visão de Donna Haraway (2000). O conteúdo e o entretenimento na “rede” são infinitos, e por isso atraem tantas pessoas ao ciberespaço.

Resta óbvio que os avanços tecnológicos foram benignos no que se refere à potencialização de nossos corpos e sentidos (Santaella, 2010), nos concedendo facilidades e comodidades através de seus usos. Isto é, a virtualização trouxe melhorias e progressos, como já mencionado, facilitando a vida do ser humano na comunicação, na economia, na linguagem, na utilização de um transporte, no acesso de uma conta bancária por um smartphone ou computadores, em compras pela Internet ou pedidos de comidas em restaurantes, agendamento de consultas médicas, na educação a distância e entre inúmeras coisas que se pode fazer virtualmente, pois o virtual é justamente a quebra do tempo/espaço sobre as ações que poderiam exigir mais demanda de tempo e espaço para serem realizadas. Além disso, é destacável a importância das redes sociais como forma de manifesto político e engajamento social, mesmo que essas mídias às vezes sejam usadas para manipular as massas ou formar opiniões de acordo com os interesses de grupos particulares. Ainda assim, as mídias digitais merecem crédito pela quantidade de informação disponibilizada a todo e qualquer indivíduo, possibilitando a democratização do conhecimento e a livre expressão do pensamento.

Por outro lado, o objetivo das entrevistas feitas neste trabalho foi exatamente observar a percepção dos entrevistados com relação à conexão, relações interpessoais e fragilidades dos laços afetivos nas redes sociais. Percebemos, pelo teor das entrevistas, que sim, o exagero, o mau uso das redes sociais foram criticados, mas há um consenso de que as tecnologias são benéficas quando bem utilizadas.

Assim, o que quisemos deixar de contribuição crítica neste trabalho é essa reflexão sobre o exagero e sobre a espetacularização da vida alheia ou do ego nos ambientes digitais. Quisemos chamar a atenção se as pessoas estão valorizando por demais esse mundo online, ao preferirem fazer inúmeras “amizades” em suas redes sociais, expondo quase tudo o que acontece em suas vidas para ganharem curtidas e comentários, muitas das vezes espetacularizando-se através da ostentação e ilusão de felicidade exacerbada em suas vidas. É preciso que elas sejam chamadas à atenção quanto a esse comportamento e que também não deixem de valorizar aspectos do mundo físico, como fazer atividades, passeios, encontros com os amigos, reunião com os familiares, e mesmo que estejam fazendo essas atividades, é necessário que estejam de fato presentes nestas socializações.

Portanto, as redes sociais ao mesmo tempo que ajuda a manter a fragilidade dos laços nas relações interpessoais – visto que uma certa quantidade de “amigos virtuais” é mantida por conta da espetacularização, também aproxima pessoas pelo fato da quebra do tempo/espço, a facilidade, a rápida comunicação, a interação e a expressão da diversidade de pensamentos que antes não era possível sem os avanços tecnológicos. Logo é mister que saibamos dosar o uso das tecnologias de modo que ela sirva à proximidade, ao estreitamento de laços pessoais que já existiam no mundo físico ou porque não o conhecer novas pessoas, desde que nada disso esteja ligado à necessidade de exibicionismo virtual ou espetacularização.

REFERÊNCIAS

BALDRATI, Breno. **Popular entre jovens, Snapchat cresce no Brasil**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/popular-entre-jovens-snapchat-cresce-no-brasil-b00ruo2obeskbh4wqr8i98u>>. Acesso em 03/08/2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2004.

BRENNER, Lara. Desconfie de quem é feliz demais nas redes sociais. In: **Revista Bula**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com>>. Acesso em 03/08/2016.

CHOMSKY, Noam. **The man and the mind**. MIT Press, 2010.

DÂMASO, Livia. **A História do Orkut**. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/2014/07/historia-do-orkut.html>>. Acesso em 04/08/2016.

DANTAS, Tiago. **"Youtube"; Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>>. Acesso em 05/08/2016.

DUMAS, Véronique. **A origem da Internet**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html>. Acesso em 04/08/2016.

GAMA, Alexandre Matos da. **On-line/Off-line: as relações sociais e a Internet**. Disponível em: <<https://colunastortas.wordpress.com/2014/09/01/on-lineoff-line-as-relacoes-sociais-e-a-internet/>>. Acesso em 20/03/2016.

HARAWAY, Donna J. **“Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”**. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

JOAQUIM, Bruno dos Santos. **Pierre Levy: conceitos-chave no estudo da cibercultura**. Disponível em: <<http://www.cafecomsociologia.com/2013/09/pierre-levy-conceitos-chave-no-estudo.html>>. Acesso em 20/03/2016.

KARASINSKI, Eduardo. **A história do email**. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/web/2763-a-historia-do-email.htm>>. Acesso em 03/08/2016.

LAFLOUFA, Jacqueline. A distorção de felicidade causada pelas redes sociais. In: **Revista Bula**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com>>. Acesso em 03/08/2016.

LEVY, Pierre. **O que é Virtual?**. São Paulo, Editora 34. 2003.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34. 2009.

MELLO, João. **5 coisas que você não sabia sobre o primeiro email da História**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI314538->

17770,00COISAS+QUE+VOCE+NAO+SABIA+SOBRE+O+PRIMEIRO+EMAIL+DA+HISTORIA.html>. Acesso 04/08/2016.

MONTEIRO, Tarcivan. **Antonio Meucci: o verdadeiro inventor do telefone.** Disponível em: <<http://www.tarcivan.com/2013/03/antonio-meucci-o-verdadeiro-inventor-do.html>>. Acesso em 05/08/2016.

MUSARDO, Fernanda. **Primeiro computador digital eletrônico – ENIAC.** Disponível em: <<http://musardos.com.br/1946/08/31/primeiro-computador-digital-eletronico-eniac/>>. Acesso 04/08/2016.

NUETE, Fernanda. **Sobre redes sociais, vida real e felicidade.** Disponível em: <<http://www.felizcomavida.com>> Acesso em 03/08/2016.

OLIVEIRA, Felipe. **Conheça a história do WhastApp.** Disponível em: <<https://www.meucupom.com/blog/conheca-historia-do-whatsapp>>. Acesso em 03/08/2016.

QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em 20/03/2016.

RIBEIRO, Assis. **Resenha crítica do livro “Amor Líquido” de Zygmunt Bauman.** Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/resenha-de-amor-liquido-de-zygmunt-bauman>>. Acesso em 17/05/2016.

SANCHES, Romannessa. **O primeiro celular da história.** Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/o-primeiro-celular-da-historia.html>>. Acesso em 05/08/2016.

SANTAELLA, Lucia. **Tecnologias da Inteligência.** São Paulo, PUC-SP 2010.

SANTOS, Natanael. **Como utilizar as Redes Sociais?.** Disponível em: <<http://www.natanaeloliveira.com.br/por-que-utilizar-as-redes-sociais/>>. Acesso em 20/03/2016.

SANTOS, Natanael. **O poder das Redes Sociais: Caso Arezzo.** Disponível em: <<http://www.natanaeloliveira.com.br/o-poder-das-redes-sociais-caso-arezzo/>>. Acesso em 20/03/2016.

SANTOS, Natanael. **Redes Sociais I História e Guia Completo.** Disponível em: <<http://www.natanaeloliveira.com.br/a-historia-das-redes-sociais/>> . Acesso em 20/03/2016.

SBARAI, Rafael. **FACEBOOK, 10 ANOS.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/>>. Acesso em 05/08/2016.

SIQUEIRA, Vinícius. **Amor Líquido – Zygmunt Bauman: Uma Resenha.** Disponível em: <<https://colunastortas.wordpress.com/2013/08/07/amor-liquido-zygmunt-bauman-uma-resenha/>>. Acesso em 20/03/2016.

SIQUEIRA, Vinícius. **Modernidade Líquida, O que é?**. Disponível em: <<https://colunastortas.wordpress.com/2013/07/22/modernidade-liquida-o-que-e/>>. Acesso em 20/03/2016.

SMALL, Beatriz. **A história do Twitter.** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/rede-social/3667-a-historia-do-twitter.htm>>. Acesso em 05/08/2016.

SOUSA, Rainer. **Origem da Escrita.** Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>>. Acesso em: 05/08/2016.

SOUZ

A, Renato Rocha. **O que é, Realmente, o Virtual?**. Disponível em: <<http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/renato.html>>. Acesso em 20/03/2016.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

UNILAB

Bacharelado em Humanidades

Discente: Angela Manoelly da Costa Oliveira

Docente: Prof. Dr. Sérgio de Moura

Este questionário foi feito em prol de uma pesquisa de campo sobre minha monografia cujo tema é “O uso das mídias digitais nas relações interpessoais contemporâneas”. Com este questionário procuro saber a opinião de alunos e professores da Unilab sobre o tema em questão. As informações pessoais dos entrevistados não serão divulgadas na pesquisa, apenas a entrevista. Desde já, agradeço pela sua participação!

Nome:

Idade: Sexo: () masculino () feminino Profissão:

QUESTIONÁRIO:

- 1. Você usa redes sociais? E quanto tempo passa conectado nas redes?**
- 2. Você acha que as pessoas atualmente preferem estar conectados em suas redes sociais ou estar fazendo outra atividade? (encontros em praças, shoppings...)**
- 3. Você acha que as redes sociais separam ou aproximam as pessoas? Por quê?**
- 4. Você acha os contatos mantidos pela a Internet frágeis ou duradouros?**
- 5. Para você, os avanços nos meios de comunicação melhorou a vida das pessoas ou piorou seus hábitos?**